

social

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL, COADJUVANTE DE SUCESSO NO TRATAMENTO DE DOENÇAS

Se quiser falar com Deus



Analgésicos, pílulas, injeções e tratamentos para curar o corpo são parte da rotina de hospitais. Em paralelo ao sofrimento físico, no entanto, os males mais dolorosos também contaminam o espírito dos pacientes, que precisam de algo que a medicina sozinha não é capaz de suprir em seu conhecimento: a necessidade de conforto, de acolhimento para lidar com a doença. Esse tipo de atendimento é previsto em lei federal – que dá ao usuário do sistema de saúde o direito à assistência religiosa ou espiritual – e ratificado na Lei do Serviço Voluntário.

No mundo inteiro, ações que incluem a espiri-

tualidade no conceito de saúde vêm ganhando força por se revelarem parte fundamental na condução da terapêutica de doenças, entre elas o câncer. Cada vez mais, a ciência se aproxima da espiritualidade, a partir de uma visão do atendimento humanizado ao paciente. Professor e psiquiatra do Departamento de Psiquiatria e Ciências do Comportamento do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, em Nova York, nos Estados Unidos, William Breitbart aposta nessa tendência.

O especialista desenvolveu um método de psicoterapia para melhorar o bem-estar espiritual de pacientes sem possibilidades de cura e coordena vários

“Aqueles que conseguem manter um senso de propósito e bem-estar espiritual têm menos depressão, desesperança e mais qualidade de vida”

WILLIAM BREITBART, professor do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, nos EUA.

estudos que demonstram a eficácia desse cuidado em oncologia. “Os resultados mostram que aqueles que conseguem manter um senso de propósito e bem-estar espiritual têm menos depressão, desesperança e mais qualidade de vida”, afirma Breitbart.

A espiritualidade, particularmente em seus aspectos não religiosos - que enfocam o significado e o propósito da vida ao enfrentar uma doença como o câncer -, pode ser utilizada no cuidado com o paciente. “Intervenções baseadas no significado da vida e na dignidade já estão em teste e provavelmente serão utilizadas clinicamente no futuro”, prevê o psiquiatra.

SENTIDO PARA A VIDA

A ideia é compartilhada por outro psiquiatra do mesmo departamento do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, Jimmy Holland. Ele defende que o paciente oncológico, em casos de terminalidade, deve aprender a lidar com a possível proximidade da morte. Pessoas que enfrentam a doença se sentem gratificadas com suas crenças religiosas e espirituais. “Quem tem convicções mais fortes antes de adoecer utiliza esse recurso para lidar melhor com a situação. Outros apoiam-se em ideias filosóficas, o que também os ajuda a aceitar o sofrimento”, declara o psiquiatra.

Para o teólogo Leonardo Boff, quando nos confrontamos com limites incontornáveis, como, por exemplo, as frustrações e a morte, não adianta se tornar revoltado ou resignado. Tudo muda se houver criatividade para fazer dos limites fontes de energia e de crescimento. “É o que chamamos de resiliência: tirar vantagens das dificuldades. E, aqui, tem seu lugar um sentido espiritual da vida, sem o qual a felicidade não se sustenta a médio e longo prazos”, pondera.

A psicóloga Ana Valéria Miceli, do Hospital do Câncer I, do Instituto Nacional de Câncer (INCA), considera que a chamada dor espiritual ocorre quando existe ameaça à existência e a pessoa não encontra sentido para aquilo que vive e tem a sensação de estar

desamparada. Segundo a profissional, é possível melhorar todas as formas de dor, mesmo a física, quando o paciente sente-se confortado espiritualmente e cuidado, tanto fisicamente quanto psicológica e socialmente.

“O conforto espiritual facilita a compreensão do que se passa, deixa o paciente apaziguado e o familiar com mais equilíbrio emocional para auxiliar o doente, o que torna menos difícil as relações com a equipe responsável pelo tratamento”, afirma Ana Valéria. Para a psicóloga, esse tipo de cuidado é importante também para os profissionais.

NECESSIDADES SUBJETIVAS

O cirurgião oncológico do Hospital do Câncer I, José Adalberto Fernandes Oliveira, coordena o Núcleo de Assistência Voluntária Espiritual (NAVE), do INCA, inaugurado em setembro de 2009. O embrião da ideia surgiu em 2007. “Hoje, temos uma estrutura que conta com nove voluntários das religiões católica, evangélica, espírita e messiânica, além de 60 pessoas aguardando para auxiliar quem precisa”, conta o médico. José Adalberto explica que o trabalho não fica restrito à capela no quarto andar do hospital, mas é feito em toda a unidade.

Os participantes, todos voluntários, são selecionados e treinados. Recebem noções de ética, psico-oncologia e orientação sobre controle de infecção hospitalar. “A assistência espiritual atua onde a ciência não dá conta e a moral se atrapalha”, destaca o cirurgião, católico praticante. E, para dar uma dimensão simples de uma atividade tão complexa, explica a sua teoria. “Deus é a comunicação e as religiões são os idiomas para falar com Ele”, compara.

Um dos pioneiros em suprir necessidades subjetivas de pacientes em instituições de saúde é o Comitê de Assistência Religiosa (CARE), do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, instituído em 1945. O princípio básico dos integrantes do CARE – padres e pastores – é atender as pessoas em sua individualidade. É o que ressalta o padre Anísio Baldessin, um dos idealizadores do comitê oficializado em 2004. “As pessoas podem ou não ter uma religião, que pode ser igual ou diferente daquela que o integrante do CARE professa. Acima de tudo, atendemos pessoas”, afirma.

APOIO COM ORAÇÕES E SILÊNCIO

Os voluntários do CARE fazem orações e visitas a pacientes nos leitos, realizam celebrações de missas e cultos. “O que mais acontece são as conver-

“Não se pode cuidar do corpo sem cuidar da alma”

JOSÉ LUÍS PEREIRA ALVES, ex-paciente e hoje voluntário no INCA

sas informais e os aconselhamentos”, conta o padre. Por mês, são atendidos cerca de 3 mil pacientes, além de profissionais de saúde da instituição. Há mais de 17 anos trabalhando como capelão do Hospital das Clínicas, padre Anísio tem um entendimento muito peculiar do sentimento de dor. “As piores dores são sempre as nossas, porque nós as sentimos. As dores alheias, apenas podemos imaginar”, opina.

Enfermeiro, teólogo e integrante da Comissão de Bioética do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), Luís Roberto Pinheiro Braga, clérigo da Igreja Presbiteriana Brasileira, ressalta que o conceito de assistência religiosa em unidades de saúde hoje é mais amplo. Envolve, além das celebrações e sacramentos, pesquisas em religiosidade e espiritualidade aplicadas ao processo terapêutico, e participação no desenvolvimento integrado do bem-estar do paciente e de seus familiares, e de profissionais de saúde.

Ele destaca que, por ser hospital público, a assistência espiritual tem fundamento ecumênico. “Caso um paciente peça um representante de sua religião, nós providenciamos sua vinda”, detalha o clérigo, que confia nas inspirações do espírito de Deus para consolar quem sofre. “Muitas vezes, porém, o nosso silêncio profundo transmite mais solidariedade do que as palavras. Afagar a mão ou o rosto de um paciente é celebrar mais a esperança do que tentar explicá-la”, acredita.

CONFORTO NO DIA A DIA

É exatamente para ajudar a tornar mais leve a rotina do hospital que a voluntária Cacilda Pinto, do Núcleo de Assistência Voluntária Espiritual do INCA, trabalha. Messiânica, prestes a se aposentar, sente-se bem em sua atividade no hospital, onde fica de plantão para prestar conforto espiritual a pacientes ou profissionais. “Só fazendo o próximo feliz é que encontramos a felicidade. Através do pensamento e da oração, peço que Deus fique no comando da situação e auxilie quem nos procura”, comenta Cacilda, acrescentando que é preciso encarar a doença também como parte da realidade da vida.

Quem também se deu conta de que a doença não pode ser excluída da vida foi o administrador de empresas aposentado José Luís Pereira Alves, de 79 anos. Em um *check-up* habitual, aos 56 anos de idade, descobriu um tipo raro de leucemia e se tratou no INCA. “Eu sou espírita e não me desesperei quando recebi o diagnóstico, pois acreditava que tinha que passar por aquilo, que havia um propósito para aquela doença”, conta ele, que fez o tratamento por três anos.

José Luís ia ao Hospital de Câncer I diariamente para fazer uso de medicamentos e ficou internado por uma semana. “Recebia assistência espiritual e isso foi fundamental para mim. Com o estudo do Evangelho, eu me sentia esperançoso e confiante na cura”, recorda-se. Naquele período, conheceu muitas pessoas e decidiu se tornar voluntário do INCA, onde atua hoje no setor de Laringologia. “Não se pode cuidar do corpo sem cuidar da alma”, ensina. I

